

“Desarmado, desonrado e humilhado”: Zequinha das Contendas e as tramas do poder local (Senador Pompeu-CE, 1928)

*Francisco Wilton Moreira dos Santos**

1

Resumo

Os sujeitos e as ações analisados neste trabalho são frutos de uma sociedade na qual a valentia e a honra se confundiam em práticas e discursos. Explícitas em um período marcado pela violência e por fraudes perpetradas pelos coronéis e seus capangas, a distância entre crime e justiça é bastante tênue. Desse modo, este artigo buscou analisar os acontecimentos desencadeados em Senador Pompeu (CE) no ano de 1928, quando o coronel José Ferreira Magalhães, conhecido como Zequinha Contendas, foi desarmado por um sargento da capital ali presente. O feito deixou o chefe local profundamente irritado e, sentindo a sua honra ferida, jurou atacar a cidade de Senador Pompeu. Nos valem das narrativas jornalísticas para (re)compôr esses momentos de tensão e instabilidades no cotidiano da cidade. Otaviano Vieira Junior (2004) e Hélio Furtado (2018) nos ajudaram a pensar sobre as tramas de violência, valentia e honra na sociedade cearense do período. Discutimos, ainda, com Tania De Luca (2008) e Marialva Barbosa (2007) atentando para os interesses formulados diante dessas matérias, que vão muito além do “simples noticiar” e da ampliação das suas vendas. Elas tornam-se instrumentos importantes no cenário político como formas de reclamar justiça, segurança e civilidade.

Palavras-chaves: Imprensa; Poder Local; Honra; Violência.

Abstract

The subjects and actions analyzed in this work are the result of a society in which courage and honor were confused in practices and discourses. Explicit in a period marked by violence and fraud perpetrated by colonels and their henchmen, the distance between crime and justice is quite tenuous. Thus, this article sought to analyze the events triggered in Senador Pompeu (CE) in 1928, when Coronel José Ferreira Magalhães, known as Zequinha Contendas, was disarmed by a sergeant from the capital present there. The fact left the local chief deeply irritated and, feeling his honor hurt, he swore to attack the city of Senador Pompeu. We use journalistic narratives to (re)compose these moments of tension and instabilities in the daily life of the city. Otaviano Vieira Junior (2004) and Hélio Furtado (2018) helped us to think about the plots of violence, courage and honor in Ceará society at the time. We also discussed with Tania De Luca (2008) and Marialva Barbosa (2007) paying attention to the interests formulated in these matters, which go far beyond “simple reporting” and expanding sales. They become important instruments in the political scene as ways to claim justice, security and civility.

Keywords: Press; Local Power; Honor; Violence.

* Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Ensino de História pela Prominas e aluno do curso de Especialização em História do Brasil (CEAD/UFPI). Graduado em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/UECE). Bolsista CAPES.

Introdução

Desde o momento em que o sargento Soulner, em Senador Pompeu, procurou desmoralizar, desarmando-os, o cel. Zequinha Contendas e o seu filho Franco, toda gente pensou que graves acontecimentos seriam registados naquela zona.²

Senador Pompeu, município do Sertão Central cearense distante cerca de 273 km da capital do Estado, tem sua história marcada por tensões políticas, assim como vários outros municípios do interior, em especial nas primeiras décadas do século XX. Nesses anos da incipiente República, uma elite latifundiária revezava o poder público fazendo valer suas paixões e opiniões, impostas muitas vezes pela força do braço, do chicote e das vontades, através do “ferro frio” e do “pau de fogo” em uma violência costumeira.

Em Miguel Calmon³, distrito de Senador Pompeu, ficava a vila “Contendas”, onde morava o coronel José Ferreira Magalhães, mais conhecido pelo apelido “Zequinha das Contendas”. Filho de Severino Ferreira de Magalhães e Maria Leodona de Magalhães, ele era irmão de Ananias, Fenelon e Philemon Magalhães, que mais tarde tornaram-se chefes políticos de prestígio na região.

O coronel Zequinha era conhecido na cidade por sua aspereza no trato dos conflitos e a sua afamada valentia. Além disso, teve seu nome e de seus capangas envolvidos em vários crimes, o que nos leva à epígrafe que abre esta seção. A epígrafe supracitada é parte de uma matéria publicada no jornal *O Ceará*⁴ e destinada a comentar os últimos acontecimentos em Senador Pompeu. O periódico buscava dar conta das tensões no cotidiano da cidade, iniciadas após um episódio envolvendo o já mencionado coronel e um sargento da capital cearense, cujo nome era Soulner. O sargento tomou o revólver e o rifle de Zequinha e toda a munição que ele carregava. Sentindo-se ofendido e com sua honra maculada, o coronel ameaçou atacar a cidade em desforra.

Este trabalho buscou analisar as narrativas jornalísticas envolvendo este caso, atentando para as construções de violência, valentia e honra em torno do coronel das Contendas. Dialogamos com Albuquerque Júnior (2013) e Vieira Junior (2004) para pensarmos essa sociedade com apreço pela valentia e um apurado desejo de manutenção da honra. Tania de Luca (2008) e Marialva Barbosa (2007) nos alertam para não perdemos de vista o jogo de interesses que envolve os órgãos de imprensa naquele período, isto é: além de alavancar a venda das folhas, as notícias de crimes poderiam ajudar nos reclames por justiça, segurança e civilidade.

² O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 02 mar. 1928. p. 01.

³ Hoje distrito Ibicuã e pertencente ao município de Piquet Carneiro, situado aproximadamente a 290 km de Fortaleza.

⁴ O jornal foi fundado por Júlio de Matos Ibiapina, tendo circulado na cidade de Fortaleza entre os anos de 1925 e 1930. Jornal independente, distingue-se dos demais periódicos políticos por caracterizar-se como um espaço de disseminação das ideias sociológicas de Matos Ibiapina (AMARAL, 2018; LIMAVERDE, 2008).

Nosso foco se intensifica nas matérias publicadas no jornal *O Ceará* – folha “noticiosa” e “independente” – e sua construção narrativa do conflito. Ao todo foram nove matérias sobre os acontecimentos em Senador Pompeu, divididas entre os meses de fevereiro, março e abril (a maior parte delas ocupando a primeira página), das quais destacamos seis para análise por conta dos detalhes dedicados à cobertura.

Cotidiano e política no sertão de Senador Pompeu (CE)

O Miguel Calmon é um Reducto; Senador Pompeu, uma praça de guerra...⁵

Em primeiro lugar, vamos nos situar um pouco mais quanto à espacialidade onde ocorreram os conflitos que doravante iremos analisar. Senador Pompeu é uma jovem cidade que passava por transformações físicas (construção da paróquia e chegada da luz elétrica) e morais que se desejavam para a vida pública e privada da sociedade cidadina que despontava. Os braços da lei estavam se intensificando, entretanto, a Força Pública era diminuta e acabava atuando “como braço armado a serviço dos mandatários aliados”, devendo, ainda, prezar pelas “boas relações entre o governo central e as forças políticas situacionistas periféricas” (BARBOSA, 2014, p. 297).

Esta cidade interiorana e sertaneja agrupa práticas e discursos que a inserem no conjunto de saberes e dizeres que vão constituir o Nordeste. Dentro da perspectiva de Albuquerque Jr (2011): um espaço físico-imagético criado por uma elite decadente. A defesa da honra, a violência e a valentia foram discursos mobilizados na construção histórica da região e, dentro dessa lógica, se experimentam os sujeitos e os espaços onde se tecem os fios que compõem as ações que nos propomos estudar, frutos de uma forma de ser e existir social e historicamente com “(...) características que configuram um espaço como culturalmente peculiar” (NEVES, 2012, p. 07).

No Sertão Central das primeiras décadas do século XX, muitos dos costumes fruto de experiências anteriores ainda se faziam presentes entre os sujeitos que por ali se estabeleciam e/ou transitavam. Otaviano Vieira Jr (2004, p. 161) menciona que da Colônia ao Império “os cotidianos de mulheres e homens cearenses foram entrecortados, nas mais diversas direções, pela presença constante da violência”. Seja pela frágil presença dos poderes instituídos ou por seu zelo maior em favor dos grandes fazendeiros, a vulgarização da violência aparece como instrumento para a resolução de conflitos (VIEIRA JUNIOR, 2004). A vingança era a resposta mais rápida, eficaz e, até certo ponto, aceitável.

As tentativas de controle social nas esferas físicas e morais seguiam seu próprio tempo nos sertões. O contingente policial, muitas vezes, não era suficiente para conter os crimes de vingança

⁵ O CEARÁ. Do ultimo livro de Leonardo Motta. **O Ceará**, Fortaleza, 14 ago. 1928. p. 07. (Grifo nosso).

entre famílias. A justiça ainda podia ser uma força no exercício de pressões políticas e econômicas atuando em defesa do agressor, a depender do seu prestígio social (VIEIRA JR, 2004), o que não mudou muito com o advento da República. O poder régulo familiar, a tênue fronteira entre o público e o privado e uma violência costumeira permeavam o cotidiano de muitas cidades do interior do estado. Um desses costumes dizia respeito à defesa da honra.

Em segundo lugar, é igualmente importante falar, ainda que brevemente, da política cearense. Os elementos anteriormente descritos são extrapolados para a esfera pública, tendo em vista que nesse período, no interior, a política ficava a cargo dos poderosos coronéis. Eram eles que, à medida que ganhavam prestígio político, seja por meio de fraudes ou violências, controlavam os votos e a escolha do presidente da República. Em troca, os governantes estaduais ofereciam facilidades em liberar verbas para o município, bem como nomeavam à cargos públicos, parentes ou protegidos desses indivíduos (SCHWARCZ, STARLING, 2015).

Entendemos o coronelismo como um sistema complexo de relações. Seu surgimento é fruto do encontro de fatores políticos e econômicos, isto é: os potentados rurais tentam a manutenção do seu poder e prestígio no novo sistema vigente, o federalismo, e, diante do seu declínio econômico, os fazendeiros buscam a aproximação e a barganha com o governo (CARVALHO, 1997). São esses dois fatores, o político (federalismo) e o econômico (decadência) que datam historicamente o coronelismo, de acordo com V. Leal (1997).

M. de Carvalho (1997) traça uma importante discussão acerca dos conceitos e teorias para compreensão dessa fase na história nacional. A primeira distinção levantada é sobre o mandonismo, destacando-o como uma característica das políticas tradicionais. Ele encarna a uma forma de poder personalizada, local e de estrutura oligárquica que busca exercer controle. Assim, de acordo com o autor, o coronelismo aparece como um “momento particular” do mandonismo, quando de seu enfraquecimento.

A outra distinção é sobre o conceito de clientelismo.⁶ Para o autor, esse conceito “indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto” (CARVALHO, 1997, p. 04). O conteúdo do clientelismo varia ao longo dos anos de acordo com os interesses e recursos dos atores políticos.

Responsáveis pelos arranjos e desarranjos sociais, por meio desta prática política de trocas entre público e privado em seus territórios, os coronéis favoreciam as elites tradicionais (REIS,

⁶ É evidente que o coronelismo, como algo sistêmico, envolve trocas clientelistas, mas não devem ser vistos como sinônimos. O coronelismo perdurou por pouco tempo, o mandonismo segue em decadência e o clientelismo “apresenta uma curva ascendente com oscilações uma virada para baixo nos últimos anos” (SILVEIRA, 2021, p. 151).

2008), ampliando a rede de favores e alianças em prol da manutenção de seus interesses⁷, no qual o imperativo da força e da violência se estendiam nas formas de governar.

O Estado do Ceará era governado pelo desembargador José Moreira da Rocha⁸, representante do Partido Republicano Conservador (PRC).⁹ Segundo Eduardo Amaral (2018), o desembargador fora eleito a partir de um acordo entre Conservadores e Democratas, isso porque, de acordo com Aroldo Mota (2000), destacava-se a regionalidade dos partidos políticos que muito facilmente formavam alianças, registravam-se e concorriam às eleições. Todavia, no Ceará, Abelardo Montenegro (1980, p. 90) informa que “(...) os políticos cearenses se resumiram em dois partidos: o conservador dirigido pelo Dr. José Acioli, e o democrata chefiado pelo Dr. Moreira da Rocha”, organização que perdurou até por volta dos anos 1930. As duas facções apoiavam o governo “(...) mas teciam nos bastidores, renhida luta para conservar ou atingir os mais elevados cargos e postos na administração pública” (AMARAL, 2018, p. 345).

O coronel Zequinha das Contendas era ligado ao Partido Republicano Democrata (PRD)¹⁰, principal responsável pelas rixas e tensões políticas locais. Na cronologia política do município, a chefia de Senador Pompeu estava com Philemon Benevides Magalhães (PRC), seu sobrinho. Philemon Benevides havia disputado o pleito de 1926 com seu primo Franco Magalhães, que buscava substituir o pai, que fora prefeito entre 1922 e 1926. Talvez por isso tenham se intensificado algumas das animosidades entre os irmãos. As desarmonias, em especial com seu irmão Ananias Magalhães, também marcaram o cotidiano da cidade e foram assunto de dias nas primeiras páginas dos jornais da capital e do interior do Ceará.

Foi, portanto, nesse contexto de uma Senador Pompeu de cotidiano tensionado, de paixões políticas dissidentes e acaloradas, na qual a ordem e desordem caminhavam por fronteiras tênues, que se deu o desarme de Zequinha das Contendas e seu filho, Franco Magalhães, protagonizada pelo sargento Soulner, membro da força republicana da capital cearense. Os jornais da capital dimensionaram e se preocuparam em narrar demoradamente cada passo e repercussão do acontecimento. Lembremos da imprensa como força social ativa da história, composta por grupos com paixões, expectativas e desejos atuando na construção de memórias e temporalidades,

⁷ Outra característica desse grupo era o seu exército pessoal, homens armados contratados para defender seus territórios e executar seus inimigos. Em Senador Pompeu, Zequinha tinha seu grupo de protetores capazes de cometer as maiores atrocidades em sua defesa.

⁸ Empossado no dia 12 de julho de 1924, seu mandato durou até 19 de maio de 1928, quando renunciou.

⁹ O partido foi criado no Rio de Janeiro, cabendo à presidência Quintino Bocaiúva e, segundo Aroldo Mota, os Estados receberam orientação para que o partido fosse fundado, como ocorreu no Ceará (MOTA, 2000). Segundo Amaral (2018), “Em 1916, os aciologistas finalmente reorganizaram o seu antigo partido, o PRC, e a partir dele se apresentaram como herdeiros políticos do antigo líder” (AMARAL, 2018, p. 128).

¹⁰ Surgiu em 1916 como oposição a Nogueira Acioli e seus aliados. De formação heterogênea, o Partido Republicano Democrático substituiu o antigo “Partido Rabelista” e contava “além dos clãs familiares dissidentes do aciolismo” com setores representativos do comércio da capital e frações das camadas médias urbanas (AMARAL, 2018, p. 21).

intervindo nos processos (CAPELATO, 1988; LUCA, 2008). Assim posto, toda a arte jornalística será explorada no “caso de Senador Pompeu”.

A história de um desarmamento

Ao saltar aqui, fui traiçoeiramente agredido por soldados capangas commando sargento Soulner, tomando-me armas. Zequinha. Senador Pompeu, 19, 18,15 horas.¹¹

O trecho acima reproduzido, publicado em fevereiro de 1928 no jornal *O Ceará*, corresponde ao telegrama enviado por Zequinha das Contendas, informando a humilhação a qual foi submetido. Nele, o coronel afirma que foi traiçoeiramente desarmado pelo sargento Soulner, que lhe tomou o rifle, um revólver e a munição que conduzia. Deixando o coronel profundamente irritado, esse fato foi o estopim para um momento de extrema tensão envolvendo o chefe de Miguel Calmon e o povo da sede de Senador Pompeu.

O evento teve início com uma viagem de trem, quando Isaías Arruda, prefeito de Missão Velha, partiu de Fortaleza para o Cariri cearense. O trem faria parada em Senador Pompeu, cidade que, segundo o jornal *O Nordeste*, era “uma das mais importantes do estado, local de pernoite dos trens da Baturité que vão para o Crato e de lá voltam”.¹² Sabendo das instabilidades, das tensões políticas, dos vários crimes acontecidos na cidade e das ameaças do chefe democrata, fez-se acompanhar pelo sargento Soulner e alguns soldados, “alegando falta de garantia a sua pessoa”.¹³ Na passagem por Miguel Calmon, um incidente protagonizado pelas forças do sargento causou confusão entre os homens de Zequinha.

Quando retornou à cidade, o sargento Soulner a encontrou em “pé de guerra”, com “trinta homens armados (...) dispostos a atacá-lo”¹⁴, o que não aconteceu porque figuras de relevo impediram. O coronel das Contendas estava na capital cearense, onde foi ouvido a respeito do assassinato de José Alves.¹⁵ Segundo testemunhas, o crime foi executado com requintes de crueldade e teve Zequinha como o mandante.

Ao regressar ao município de Senador Pompeu ladeado por seu filho Franco Magalhães, no dia 19 de fevereiro, um sábado, os dois foram abordados por Soulner. O sargento, amparado no Regulamento Policial de 1916¹⁶, alegava cumprimento das suas obrigações no dever de policial,

¹¹ O CEARÁ. Um sargento provoca desordens em Senador Pompeu. *O Ceará*, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

¹² O Nordeste, 28 fev. 1928 *apud* BARBOSA, 2014.

¹³ O CEARÁ. Atitude incoherente, mas dina de elogios. *O Ceará*, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ PROCESSO CRIME, 30/01/1928, fls. 04-05 (Ver OLIVEIRA, 2015).

¹⁶ A lei Nº 1395 do ano 1916 estabelecia as diretrizes da Força Pública do Estado para o ano seguinte (Ver SILVA, 2016).

isto é: a apreensão de armas (BARBOSA, 2014). Todavia, o feito ganhou enormes proporções, talvez pelas figuras de relevo envolvidas, ou ainda pela proximidade das eleições. Segundo Henrique Barbosa (2014, p. 238), a “ação do sargento decorreu de rixas particulares com aquele potentado”, como os acontecimentos que mencionamos há pouco.

O jornal *O Ceará*, publicou em primeira página três matérias que destacavam o episódio. Na primeira, em letras grandes, no centro da página e logo abaixo das informações do periódico (Título, diretor, redator, gerente, ano e cidade) podemos ler que “Um sargento provoca desordens em Senador Pompeu – o chefe democrata é desarmado”.¹⁷ A discussão ainda se estende para a segunda página do jornal.

No lado esquerdo da folha, o segundo destaque: um editorial do jornal tece comentários opiniosos, pois caracteriza o feito como uma “Attitude incoherente, mas digna de elogios”¹⁸ e acrescenta, ainda, que a população assiste aos “amigos do governo” andarem armados “até os dentes”, sem levantar hipóteses de desarmá-los. Antes disso, “cercam-nos de prestígios, considerando-os elementos de ordem”.¹⁹ Assim, a tomada das armas de Zequinha foi lida como uma forma de desmoralizá-lo, ferindo a honra do coronel, pois segundo o jornal esse evento não teria levado em conta “nenhum critério da ordem pública”.

Albuquerque Júnior (2013) nos diz que as subjetividades masculinas são forjadas dentro de um ambiente por vezes descrito como hostil, apreciador da violência e do destemor. Além disso, não podemos desvincular esses elementos do valor conferido à honra pessoal. Assim, “Coragem, e um apurado sentido de honra, seriam continentes destes homens, que não levariam desaforo para casa” (ALBUQUERQUE JR, 2013, p. 176). Desse modo, no “monopólio de sentido” exercido ao se falar do sertão e de seus agentes, tenacidade e violência se destacam (ALVES, 2020). Não demorou muito para se sentir os efeitos da humilhação cair sob a forma de cólera do chefe de Miguel Calmon, que armou seus capangas e ameaçou atacar o Senador Pompeu. Zequinha julgava o ato de Sournier “[...] uma affronta com o intuito de desmoralizar-se, publicamente, perante os seus corregilhões”.²⁰

É nesse sentido que se insere o terceiro destaque do jornal, ao alertar para um possível ataque. Assim podemos ler na supracitada folha: “ULTIMA HORA”, diz o título em letras garrafais, que se destaca chamando atenção para “Os sucessos de Senador Pompeu”. Em letras maiúsculas o jornal informa que “o cel. Zequinha vae atacar aquella cidade – as famílias já

¹⁷ O CEARÁ. Um sargento provoca desordens em Senador Pompeu. *O Ceará*, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

¹⁸ O CEARÁ. Attitude incoherente, mas digna de elogios. *O Ceará*, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*.

começaram a fugir”.²¹ Em Miguel Calmon, os passageiros e os trens são vigiados por homens armados e os vagões invadidos por cangaceiros do coronel Zequinha.²²

Posteriormente, as matérias vão discorrer sobre esse momento de tensão que desce sobre o cotidiano da cidade.

Desonrado, humilhado e ofendido: racionalizando a violência

A última hora, tivemos informação segura de que o cel. Zequinha Contendas, com os seus elementos de Miguel Calmon, ia atacar a mão armada aquela cidade. As famílias de Senador Pompeu, avisadas da próxima luta, já começaram a abandonar a cidade.²³

A máxima elisiana de que o processo de civilização, uma vez instaurado, inibe e reprime aos poucos a violência frontal, explica em partes algumas sociedades de modo satisfatório. Todavia, o modelo proposto “difícilmente pode dar conta das grandes rupturas violentas” (FARGE, 2011, p. 29), como massacres, genocídios e guerras, por exemplo. Arlette Farge (2011), nos chama atenção para o processo de racionalização da violência, quando nos alerta para os novos estudos sobre a violência na década de 1970. Nesse período, destaca-se a interpretação que vê a violência como uma possibilidade de “estabelecer uma espécie de comunidade resistente em face ao Estado” (FARGE, 2011, p. 30). Assim, apresenta a dupla função de fundadora e destruidora da ordem social.

Na década seguinte, as pesquisas sobre a violência se dedicaram a pensá-la pela visão dos atores sociais dominados. Não se trata de olhar para as rebeliões coletivas como cegas ou impulsivas, mas de observar as práticas que regem o jogo, as lógicas e os sentidos dos sujeitos subalternos e não mais apenas dos grandes chefes (FARGE, 2011). Um bom exemplo é o trabalho desenvolvido por E. P. Thompson e a chamada *history from below*²⁴.

Arlette Farge (2011) dedica-se especialmente às interpretações de violência a partir dos *Ditos e escritos* de Michel Foucault. A sua reflexão parte da ideia de um mundo caótico que ignora as leis (FARGE, 2011; FOUCAULT, 1994a, 1994b). Desordenado, confuso e sem harmonia, cabia aos sujeitos reconstruí-lo a partir dessa desordem, dominando e definindo valores de classes e de liberdade. Ao racionalizar a violência, os indivíduos demarcam os sistemas, excluem os que os constroem e traçam novas regras e estruturas de dominação. Dentro de certos limites, Zequinha

²¹ O CEARÁ. Última Hora. **O Ceará**, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

²² O CEARÁ. A Situação em Miguel Calmon. **O Ceará**, Fortaleza, 10 abr. 1928. p. 01.

²³ O CEARÁ. Última Hora. **O Ceará**, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

²⁴ É importante destacar os trabalhos de Eric J. Hobsbawm (1983, 1975). Suas reflexões sobre o Banditismo Social levaram estudiosos a observar o banditismo por outro viés, associando-o ao movimento popular e de motivações advindas da luta de classes, além de apresentar semelhanças e diferenças entre os grupos de bandidos em vários lugares do mundo.

racionalizou a violência e galgou “de dominação em dominação” reclamando regras, se aproximando das que o interessava e se desfazendo de outras, estabelecendo modos outros de regulação.

Farge (2011), citando Foucault, acredita na compatibilidade entre “razão” e “violência”, alertando que neste ponto ela se torna ainda mais perigosa. Dessa maneira, “racionalizar o abominável” é entender que “a razão de ser do poder não é um sentimento humanitário, uma suavização dos costumes, mas uma lógica de seu exercício” (FARGE, 2011, p. 38). Dentro do jogo do poder, violência e barbárie são formas de organização em enunciações políticas, segundo a referida autora. Pensá-las fora da linearidade, da lógica convencional com seu fim rumo ao progresso, nos ajuda a compreender o comportamento de Zequinha ao recorrer ao reclame da honra, justificando sua raiva a partir de costumes estabelecidos para alcançar outros espaços de poder, uma vez que “a regra permite que violência seja feita à violência” (FOUCAULT, 1994b *apud* FARGE, 2011, p. 34).

O coronel Zequinha das Contendas era um velho conhecido da população e o povo sabia que a possibilidade de ataque era real: o chefe de Miguel Calmon não costumava declinar das suas promessas, ainda mais diante do que declarou enorme humilhação. Além disso, dentro dos códigos sertanejos que imperavam, não se esperava outra coisa diante dos fatos, afinal, conforme Hélio Furtado (2018, p. 37), a “manutenção da própria honra é, por sua vez, uma típica situação em que o cabra-macho não pode deixar de mostrar sua valentia”. Se o coronel não quisesse ficar desmoralizado, precisaria vingar-se do seu ofensor, tendo em vista que “quando a sua honra é manchada, a atitude que se espera é que o homem seja valente a ponto de encarar fisicamente o seu difamador, mesmo que isso lhe custe a própria vida” (FURTADO, 2018, p. 37), acrescenta.

As investidas de Zequinha poderiam ser especialmente cruéis, pois afamado por sua valentia, tinha ainda à sua disposição os grupos de capangas prontos para defendê-lo a todo custo. Desta feita, não era de se espantar a pesada nuvem de temor que crescia a cada instante, contribuindo para que o medo tomasse conta da cidade. A tensão se acentuava ao longo dos dias e as notícias só contribuíam para a manutenção do clima de instabilidade. Algumas famílias, sabendo da possibilidade do confronto entre os homens de Zequinha e a polícia, “começaram a abandonar a cidade”.²⁵ Fugir parecia a melhor opção que a população mais pobre que era, em muito, refém dos desmandos dos dois grupos, encontrava para contornar essa situação.

O discurso da violência aparece ligado à constituição do sujeito nordestino, aquele que promete e cumpre. Assim, o sertanejo, expressão do ser nordestino “(..) é uma figura, um corpo

²⁵ O CEARÁ. Última Hora. **O Ceará**, Fortaleza, 21 fev. 1928. p. 01.

construído por discursos em que a fala encarna o falo” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 222). O punhal, a faca, o rifle eram extensões do corpo, parte inseparável, um membro extra, potente e representante da sua força, da sua macheza, da sua virilidade, o que nos leva a pensar os ideais de desonra e ofensa como um canal de racionalização da violência.

As armas subtraídas desnudaram e enfraqueceram o coronel Zequinha, arrancando-lhe um dos símbolos de seu vigor. Portanto, desonrado, ofendido e humilhado, era preciso restituí-las ou ao menos tentar causar uma avaria de igual proporção naquele que o ofendeu, pois a honra masculina “(...) não podia ser atacada nem por outro homem, nem por sua mulher. Um homem sem honra não existia mais, era considerado um pária na sociedade” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 179). Zequinha apela para esse ideal de masculinidade ancorado na honra e na resolução violenta dos conflitos.

Não podemos perder de vista que os jornais também contribuíram para aumentar o clima de insegurança. As mudanças técnicas pelas quais a imprensa passou nos anos 1920 e os apelos linguísticos usados na construção das notícias merecem destaque, sobretudo quando se trata de crimes que destoam do que comumente era noticiado. Os acontecimentos envolvendo Zequinha e Soulner, por exemplo, possibilitaram, nesses moldes, chamadas alarmantes com “*manchetes* (títulos de destaque) como ‘Scenas de Sangue’ e ‘Crimes Sensacionais’”, alerta Fonteles Neto (2015). Esses títulos, continua o autor, “além de virem grafados com letras garrafais, dando sensação de volume, apareciam geralmente na primeira página, objetivando persuadir o leitor com seu forte poder visual e argumentativo” (FONTELES NETO, 2015, p. 125).

*A Esquerda*²⁶, outro jornal da capital, nos oferece uma ideia desse mecanismo. Nele podemos ler sobre “A tragédia de Miguel Calmon” ou “Senador Pompeu sob novas ameaças”, apontando para um quadro de anarquia na cidade. A folha dirigida pelo quixadaense Jáder de Carvalho informa que “o caso de Senador Pompeu” tem ocupado atenção dos seus “colegas de imprensa”. Informa ainda que na Praça do Ferreira, em Fortaleza, longe do teatro das ações, “estaciona diariamente número de curiosos, ávidos de notícias”.²⁷

Nessa mesma matéria há uma crítica à maneira como muitos jornais têm tratado o assunto, isto é, agindo “(...) de maneira condenável, já invertendo factos”.²⁸ Aliás, vários jornais vão dedicar páginas ao caso: além das folhas da capital (*O Povo* e *O Nordeste*, por exemplo), periódicos do interior (*A Ordem* de Sobral) também comentaram os dias conturbados em Senador Pompeu. Isso nos aponta para o diálogo com a imprensa como força social que a todo instante “articula uma

²⁶ *A Esquerda* foi fundado em Fortaleza (CE) no ano de 1928 por Jáder de Carvalho. Nesse mesmo ano o jornal foi fechado e só voltou a ser impresso na década de 1930.

²⁷ A ESQUERDA. Ainda Senador Pompeu. **A Esquerda**, Fortaleza, 03 mar. 1928. p. 01.

²⁸ *Idem*.

compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 259).

O fato é que essas notícias mexem com os sentimentos da população, tendo em vista que desordem, caos público e tragédias, ou seja, qualquer assunto que foge à norma e transgride o cotidiano, ganha mais a atenção dos editores, que exploraram bastante as “notícias de sensação” (BARBOSA, 2007). Não é gratuito, portanto, a quantidade de notícias que corroboram para uma instabilidade não apenas em Senador Pompeu, mas em todo o Ceará, pois explorar as “notícias de sensação” ajudava a consolidar o público leitor, criando uma fidelidade com o jornal. Esse contexto de exploração das notícias sobre os “sucessos de Senador Pompeu”, além de cativar o leitor, poderia contribuir para a ampliação na venda das suas folhas.

O Ceará publicou a carta de um sertanejo que pediu para não ser identificado por ter medo “da ferocidade do Soulner”. Na missiva divulgada pelo jornal, o sujeito fala de vários aspectos da vida no município e, inclusive, que “Senador Pompeu não é uma terra ruim, assim como se diz”²⁹, mas a situação tem ficado calamitosa “desde que o sargento Saulnier desarmou e desmoralizou o cel. Zequinha Magalhães e seu filho (...) na praça mais pública desta cidade, na presença de mais de cem pessoas, nunca mais tivemos descanso”.³⁰ O mesmo sertanejo dimensiona os efeitos do desarmamento e a humilhação sofrida pelo coronel. Ele, conhecedor dos códigos sociais da época e da influência e ferocidade do chefe democrata, diz na carta que “Desmoralizar o cel. Zequinha Magalhães é o mesmo que abrir uma jaula de leões esfaimados. É morte certa”.³¹

Isso porque o contingente de homens dispostos a defender Zequinha era enorme. Ora, segundo Renata Pinto (1998, p. 21):

Todo coronel tinha seu grupo particular de cangaceiros ou jagunços, que praticava as maiores atrocidades aos indefesos ou opositores, a seu mando, sendo todos os seus homens respeitados até pela força policial local, principalmente se o coronel estava do lado do governo.

Assim, diante da constante ameaça, a polícia começa a ser mobilizada para conter os possíveis excessos. O governo enviou, segundo notícia do dia 29 de fevereiro, 60 praças “e concentra força em Affonso Penna” (hoje Acopiara), apesar de até aquele momento “o anunciado ataque do cel. Contendas não foi (...) levado a efeito”.³² As forças, mesmo assim, estavam nas proximidades, pois o coronel continuou a receber e armar homens em Miguel Calmon.

²⁹ O CEARÁ. A Situação em Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 03 mar. 1928. p. 04.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*.

³² O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 29 fev. 1928. p. 01.

No mês de março o tema ainda é destaque no jornal *O Ceará*. Ocupando a primeira página, a notícia na parte central da folha traz novidades sobre “O CASO DE SENADOR POMPEU”, atualizando sobre a situação da cidade com “importantes informações”.³³ A tensão continuava, famílias abandonavam o município e populares davam conta que “o cel. Zequinha Contendas continua a receber elementos armados”. Desmoralizado e ofendido, o chefe de Miguel Calmon “armou, em seu feudo, centenas de homens para atacar a cidade de Senador Pompeu, rezando que, desta maneira, poderia tirar uma vindicta os seus adversários políticos”.³⁴

Por fim, a matéria destaca as investidas do governo para tentar contornar a situação. Além de enviar forças para a cidade e para os municípios vizinhos, o Secretário do Interior, Juvêncio Santana, e os Deputados Estaduais Pedro Firmeza e Manoel Moreira seguiram para Miguel Calmon na tentativa de “convencer ao coronel Zequinha que deve capitular”.³⁵ O acordo seria a melhor saída para ambos os envolvidos e, apesar de acreditar na eficácia desse pacto, a leitura final da matéria afirma “que tanto em Senador Pompeu, como em Miguel Calmon e Affonso Penna, continua o engajamento de cangaceiros”.³⁶

A resolução do conflito

Ficou, dest’arte, o cel. Zequinha Contendas inteiramente victorioso, porquanto recebeu do governo do Estado completas satisfações e, além disso, obteve compensações de vulto para lavar a afronta de que foi victima. Reina paz em Varsóvia.³⁷

Com a tensão “caindo feito pedra” sobre a população de Senador e adjacências, o governo precisava agir para resolver o problema. A comitiva tomou o trem com destino a Miguel Calmon, iniciava-se a fase de “negociações de paz”. Os parlamentares, com representantes dos dois grupos políticos (PRC e PRD), buscavam estabelecer um *modus vivendi*, a ordem e normalidade no município.³⁸ O jornal anunciava que dentro de 24 horas tudo estaria resolvido: “o sr. Zequinha no seu feudo e os conservadores em Senador Pompeu, voltando-se relativo mútuo respeito”.³⁹ Todavia, ainda na cobertura de primeiro de março, às informações que chegavam eram pouco animadoras.

A cobertura do armistício feita pelo jornal *O Ceará*, continuava seguindo a mesma estratégia de antes e dedicando bastante espaço para o “Caso de Senador Pompeu”, informando ser um

³³ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 01 mar. 1928. p. 01.

³⁴ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 01 mar. 1928. p. 01.

³⁵ *Idem*.

³⁶ *Idem*.

³⁷ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 02 mar. 1928. p. 04.

³⁸ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 01 mar. 1928. p. 01.

³⁹ *Idem*.

assunto que desperta, em todos os círculos, as maiores ansiedades. No dia dois de março veio à baila mais comentários sobre o desenrolar das negociações. Essa matéria também ganhou amplo destaque na folha, com chamada em primeira página atualizando as informações sobre a tensão na cidade, estendendo a discussão para a página quatro do jornal. Além disso, um editorial complementava e comentava os “sucessos de Senador”. Guardada as devidas ressalvas, a exemplo do que aconteceu no jornal *O Paiz* em sua cobertura sobre a Revolução Russa, o “caso Contendas” incorreu também ao radicalismo e dramaticidade “em cada palavra de força utilizada, em cada metáfora criada, em cada cadeia enunciativa elaborada” (MENEZES, 2006, p. 386).

Não podemos perder de vista o que as “notícias de sensação” significavam para o jornal, isto é, desde reclames de civilidade e justiça para os meios urbanos, até a ampliação das vendas dos jornais por meio da cativação de um público sedento por esse tipo de notícia. Afinal, conforme afirma Marialva Barbosa (2007, p. 39), “os acontecimentos policiais têm cada vez mais a preferência do público” e a cobertura com “informação sensacional”, com “todos os detalhes do fato”. Eram os pormenores, os fatos esmiuçados que importavam para o leitor, o que pode nos ajudar a compreender a dimensão que o desarmamento de Contendas ganhou na imprensa do Ceará. Além disso, falava-se de uma pessoa de relevo da sociedade senadoreense, afamada por sua valentia e por ser “homem de maus bofes”.

Para que a ordem fosse estabelecida novamente na cidade, era preciso um acordo que beneficiasse a todos. Primeiro porque muitos viam o Estado como o causador de todo aquele caos, afinal o Sargento Soulhier era um representante das forças do Desembargador Moreira da Rocha, então presidente do Estado. Aliás, o próprio Presidente da República Washington Luiz “informado de todas as ocorrências” teria enviado “um longo telegrama” para o Desembargador.⁴⁰ O editorial desse mesmo dia não deixa ainda de transparecer, apesar dos elogios ao “supremo magistrado da República”, uma crítica ao sistema republicano, lamentando que a “federação, dos sonhos de Ruy Barbosa e Benjamin Constant” encontra-se “transformada em um agglomerado de satrapias” e dirigida por “senhores absolutos”.⁴¹

Segundo a honra maculada de Zequinha Magalhães pedia um reparo a altura. Dada a situação, o chefe de Miguel Calmon se achava forte e no direito de fazer exigências, ciente de que homem nenhum deveria fazer uma promessa que não pudesse cumprir, o coronel das Contendas, até aquele momento, “tinha nada menos de 360 homens em armas, bem armados e municidados, porquanto dispunha de munição para cerca de 20.000 tiros”.⁴² Portanto, julgava-se em condições

⁴⁰ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. *O Ceará*, Fortaleza, 02 mar. 1928. p. 01.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *Idem*.

de fazer algumas imposições. Assim, uma das primeiras reivindicações foi a recuperação das armas subtraídas, quando foi “Effectivada a desmoralização projectada contra o coronel Zequinha Contendas”. Na edição do dia anterior, o jornal sublinhava que “O governo prometeu todas as satisfações àquele chefe democrata”.⁴³

Entretanto, receber as armas não seria o bastante para lavar a afronta sofrida, por isso, as exigências não pararam por aí: Zequinha ainda impôs “uma grande lista de demissão de autoridades municipais e policiaes de Senador Pompeu”.⁴⁴ Assim, nesse primeiro momento, a comitiva nada resolveu e partiu de Miguel Calmon no trem com destino à capital cearense. Os repórteres colheram algumas informações do grupo, sabendo-se assim de mais algumas imposições do coronel como garantia da paz na cidade: para não levar a cabo a invasão de Senador Pompeu, “a principal dellas é o desmembramento de Miguel Calmon, que passará a constituir um município independente.”⁴⁵ Mais do que isso, “obteve compensações de vulto para lavar a afronta de que foi victima”.⁴⁶

No dia seguinte, três de março, o editorial do jornal *O Ceará*, sob o título de “a significação do tratado de paz”, concluiu que diante de tamanhas exigências de Zequinha, “desmoralizou-se o governo”.⁴⁷ Destacamos mais uma vez o papel da imprensa como força ativa da história que modela e “define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais” (MACIEL, 2004 *apud*, CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 258). Denúncia e opina o jornal: “maiores arranhões tem soffrido o moral do poder público”, desvirtuado de sua missão “o bem coletivo, transformando-se em instrumento anaquillador das liberdades e garantias populares”.⁴⁸ O povo, mais uma vez, esquecido e as “autoridades” nos braços do governo.

É preciso, ainda, estar atento para essa tensão e seus significados dentro da arena política. Apesar de todas as narrativas em torno da manutenção da honra, esse imperativo da vingança servia para tencionar o jogo político e inflamar a oposição em Senador Pompeu, onde Zequinha, ciente do seu prestígio, sacudia as grades do cenário político local. Ora, nos alerta Henrique Barbosa (2014), “o governo estadual sabia que, na hora oportuna, poderia contar com a influência de Zequinha Magalhães” e sua capacidade de arregimentar e armar pessoas sob seu comando.

Ainda na edição de três de março, as narrativas em torno das bases do acordo começaram a divergir. A matéria em primeira página dizia que ouviu de um político conservador de renome na capital, a informação de que “não fora feita imposição e que o cel. Coronel Contendas ficara inteiramente satisfeito com o facto do governo haver mandado o Secretário do Interior à Miguel

⁴³ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 01 mar. 1928. p. 01.

⁴⁴ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 02 mar. 1928. p. 04.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ O CEARÁ. A significação do tratado de Paz. **O Ceará**, Fortaleza, 03 mar. 1928. p. 01.

⁴⁸ *Idem*.

Calmon para dar-lhe satisfações”⁴⁹ e, quanto ao pedido de desmembramento “o dr. Juvencio Santanna alegou que nada podia resolver a respeito, porquanto isso dependia do poder legislativo”.⁵⁰ Mesmo diante de algumas divergências quanto aos efetivos termos do acordo, sabemos que o “assalto a Senador Pompeu” não se efetivou.

Até aqui, podemos dimensionar a força que o coronel Zequinha das Contendas tinha no município de Senador Pompeu. Homem típico das imagens construídas sobre o nordestino “como aquele que gozava da superioridade dos fortes, do que é temido por ser capaz de tudo de não recuar diante de nada” (ALBUQUERQUE JR, 2013, p. 177) e de influência imensurável, Zequinha soube tirar vantagens do lugar que ocupava na cidade.

As conquistas de Zequinha nos dão uma dimensão de sua autoridade: conseguiu o “afastamento do subalterno Nepomuceno, que ocupava o cargo de delegado militar na cidade de Senador Pompeu” (BARBOSA, 2014, p. 240) e a prisão do sargento que o provocou. Segundo apurado pelo jornal, Soulner foi preso e recolhido no Regimento Policial da capital por indisciplina.⁵¹ Somadas às suas influências políticas, o banditismo assalariado e a quantidade de protegidos em seu entorno, mostram como eram conduzidas algumas desavenças no Sertão Central cearense.

Considerações finais

As ações aqui analisadas dizem de um momento da sociedade brasileira no qual imperavam o exercício da força, da violência, do mando e desmando por parte de alguns grupos do sertão cearense. José Ferreira de Magalhães, o Zequinha das Contendas, foi um expoente que exemplificou essa sociedade. De Miguel Calmon ele exercia suas vontades e, quando contrariado, movimentava exército particular para impor os seus desejos. Por isso, é fácil imaginar o desdobramento violento diante da “afronta” protagonizada pelo sargento Soulner ao desarmar Contendas e o filho Franco Magalhães.

Lavar com sangue as ofensas era permitido e aceito em uma sociedade predominantemente rural como Senador Pompeu, local onde o braço da justiça ainda não alcançava de forma satisfatória e, quando muito, afagava os grandes proprietários. Os casos de justiça exercida com as próprias mãos estenderam-se desde o rico fazendeiro até a grande massa de despossuídos e menos favorecidos no sertão nordestino. Resolver as diferenças por meio das armas e pelo uso da violência

⁴⁹ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 03 mar. 1928. p. 01.

⁵⁰ O CEARÁ. O Caso de Senador Pompeu. **O Ceará**, Fortaleza, 03 mar. 1928. p. 01.

⁵¹ O CEARÁ. O que houve. Com o sargento Soulner. **O Ceará**, Fortaleza, 08 mar. 1928. p. 07.

na manutenção da honra foi um mecanismo mobilizado durante a construção social dos indivíduos que permeavam esse espaço.

No jogo político, as ameaças de assalto a Senador Pompeu por parte de Zequinha e seus capangas tem, ainda, outro significado: a racionalização da violência buscou tencionar a disputa política entre Democratas e Conservadores em Senador Pompeu, potencializadas principalmente entre seu irmão Ananias Magalhães. As tensões ainda seguiram vivas naquele ano, mesmo após o acordo de paz firmado. A imprensa foi um importante instrumento nesse cenário, ocupando-se massivamente do conflito, projetando-o em suas primeiras páginas. Além de ampliar suas vendas a partir das “notícias de sensação”, o jornal aparece como forma de tensionar temas como segurança, civilidade e justiça.

Fontes:

Jornais consultados:

O Ceará (1928)

A Esquerda (1928)

O Nordeste (1928)

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5º edição, São Paulo: Cortez. 2011.

ALVES, Elder Patrick Maia. Violência e masculinidade: o sertão nordestino e a construção de um monopólio de sentido. In: LIMA, Caroline de Araújo; BRITTO, Clovis Carvalho Britto; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira **Outros Olhares sobre o Sertão Nordestino: Gênero, Masculinidades e Subjetividades**. Salvador: EDUNEB, 2020.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Retóricas do atraso e da crise**. Ceará (1916 -1930). 2018. 428f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

BARBOSA, Carlos Henrique Moura. **Policiando o sertão: policiais militares, poderes locais e ordem pública no Ceará da primeira república (1889-1930)**. 2014. 324f. Tese (doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa** – Brasil – 1900- 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

- CARVALHO, J. M. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. Dado, **Revista de Ciências Sociais**, v. 40, n. 2, 1997.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, v. 35, n. 1, dez. 2007. p. 253-270.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (coleção História e Historiografia).
- FOUCAULT, M. La vérité et l'ordre juridique. In: **Dits et écrits**. vol. II. Paris, Gallimard, 1994a.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, la généalogie, l'histoire. Hommage à Jean Hyppolite (1971). In: **Dits et écrits**. vol. II. Paris, Gallimard, 1994b
- FONTELES NETO, Francisco Linhares. **Crimes Impressos: uma História Social dos noticiários criminais em Fortaleza nos anos vinte**. 2015. 210f. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015.
- FURTADO, Hélio Dias. **Cabra-macho e tough guy: estudo comparativo da masculinidade hegemônica na literatura**. Natal: EDUFRRN, 2018.
- HOBBSAWM, Eric. **Rebeldes Primitivos: estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX**. 3º ed., Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1983.
- HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense, 1975.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município no regime representativo no Brasil**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LIMAVERDE, Lucíola. Jornal O Ceará: exemplo de mídia combativa na década de 1920. In: **XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO** – Natal, RN, 2008.
- LUCA, Tânia Refina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa *et alii*. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.
- MENEZES, Lená Medeiros de. Civilização X barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a revolução (1917-1921). In: NEVES, Lúcia Maria B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (Orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006.
- MONTENEGRO, Abelardo. **Os partidos políticos do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1980
- MOTA, Aroldo. República: Partidos políticos do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará - ANNO CXIX - 2000**.
- NEVES, Frederico de Castro. **O Nordeste e a historiografia brasileira**. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.5, n. 10 abr. - out. 2012.
- OLIVEIRA, Lucas Pereira de. **A cidade como um lugar de conflitos: tecendo tramas de civilização, justiça e violência em Senador Pompeu/CE (1901-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História e Culturas Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza. 2015.
- PINTO, Renata do Nascimento. **Coronéis-cangaceiros – os donos do Sertão: Senador Pompeu (1914/1925/1928-1930)**. 1998. 94f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual do Ceará – Quixadá: Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, 1998.

REIS, Edilberto Cavalcante. **Coronéis de Batina**: a atuação do Clero na Política Municipal Cearense (1920 – 1964). 2008, 287 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SCHWARCZ, L. M. STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Francisco Adilson Lopes da. **Louros e espinhos**: atuação policial na (des)ordem urbana fortalezense (1916 – 1933). 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, 2016.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. **História política de Sobral**: no tempo de Prado e Barreto (1963-96). Sobral, CE: Sertão Cult, Edições UVA, 2021.

VIEIRA JUNIOR, Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza, Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

Recebido em: 16.01.2023

Aprovado em: 04.03.2023